

Arquitetura metodológica dos estudos radiofônicos de 2000 a 2022

Arquitectura metodológica de los estudios de radio de 2000 a 2022

Methodological architecture of radio studies from 2000 to 2022

Paulo Fernando de Carvalho Lopes; Sheila Borges de Oliveira; Norma Meireles; Patrícia Monteiro

Resumo

Este artigo apresenta parte de uma pesquisa exploratória que sistematiza as metodologias utilizadas em trabalhos que estudam o rádio, aprovados para o Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), entre 2000 e 2022. A investigação, aqui descrita como um estudo de caso, tomou como aporte a Revisão Sistemática (Galvão; Ricarte, 2019; Lopez, 2023), associada à proposta de uma arquitetura metodológica (Lopes et al, 2024), que mapeou a metodologia indicada nos tópicos: resumo, palavras-chave, introdução, desenvolvimento e referência. Observou-se, após a análise, que a metodologia não ocupou um espaço de relevância nos estudos radiofônicos nos eventos da Compós até 2022.

Palavras-Chave: Metodologias; Revisão Sistemática; Arquitetura Metodológica; Rádio; Compós.

Resumen

Este artículo presenta parte de una investigación exploratoria que sistematiza las metodologías utilizadas en trabajos que estudian la radio. Aprobados para el

>> Como citar este texto:

LOPES, Paulo Fernando de Carvalho; OLIVEIRA, Sheila Borges de; MEIRELES, Norma; MONTEIRO, Patrícia. Arquitetura metodológica dos estudos radiofônicos de 2000 a 2022. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 16, n. 03, p. 159-180, set./dez. 2025.

Sobre a autoria

Paulo Fernando de Carvalho
Lopes

pafecalo@ufpi.edu.br

<https://orcid.org/0000-0001-8104-7334>

Professor Doutor em Comunicação e Cultura (ECO-UFRJ). Docente no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Piauí. Coordenador do Grupo de Pesquisa Comunicação e Discursos (JORDIS)

Sheila Borges de Oliveira
sheila.boliveira@ufpe.br

<https://orcid.org/0000-0002-2614-2344>

Professora Doutora em Sociologia (PPGS-UFPE). Docente e vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Inovação Social da Universidade Federal de Pernambuco (PósCom/UFPE). Vice-líder do grupo de pesquisa Observatório da Vida Agreste (OVA) e membro dos grupos Convergência e Jornalismo (ConJor) e Laboratório de Análise de Imagem e Som do Agreste (Laisa).

Encuentro Nacional de los Programas de Posgrado en Comunicación (Compós), entre 2000 y 2022. La investigación, que aquí se describe como un estudio de caso, se basó en la Revisión Sistemática (Galvão; Ricarte, 2019; Lopez; 2023), asociado a la propuesta de una arquitectura metodológica (Lopes et al, 2024) que trazó la metodología indicada en los temas: resumen, palabras-clave, introducción, desarrollo y referencia. Después del análisis, se observó que la metodología no se mostró importante en los estudios radiofónicos en los eventos de la Compós, hasta 2022.

Palabras clave: Metodologías, Revisión Sistemática, Arquitectura Metodológica, Radio, Compós.

Abstract

This article presents part of an exploratory research that systematizes the methodologies used in works that study radio, approved for the Annual Meeting of the National Association of Graduate Programs in Communication (Compós), between 2000 and 2022. The investigation, described here as a case study, was supported by the Systematic Review (Galvão; Ricarte, 2019; Lopez, 2023), associated with the proposal of a methodological architecture (Lopes et al, 2024), which mapped the methodology indicated in the topics: abstract, keywords, introduction, development and reference. After the analysis, it was observed that the methodology did not occupy a relevant space in radio studies at Compós events until 2022.

Keywords: Methodologies; Systematic Review; Methodological Architecture; Radio; Compos.

Norma Meireles

norma.meireles@academico.ufpb.br
<https://orcid.org/0000-0001-8954-663X>

Professora Doutora em Educação (PPGE-UFPB). Docente e vice-coordenadora (2022-2024) do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Jornalismo Audiovisual Expandido (JAE) e do Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (ConJor).

Patrícia Monteiro

patricia.monteiro@academico.ufpb.br
<https://orcid.org/0000-0001-6615-3358>

Professora Doutora em Comunicação (PPGCOM-UFPE). Docente do Departamento de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba. Líder do Grupo de Pesquisa Jornalismo Audiovisual e Expandido (JAE).

Introdução

Qual o lugar e a abordagem da metodologia nos artigos sobre as mídias sonoras e mais especificamente o universo radiofônico nos artigos da Compós de 2000 a 2022? Quais são as metodologias mais usadas nos artigos sobre rádio apresentados na Compós daquele período? A metodologia aparece no resumo? Se não aparece no resumo, aparece nas palavras-chave ou na introdução? Há um item dedicado à metodologia? Há explicitação de metodologia utilizada nos artigos? A metodologia especificada é compatível com o desenvolvimento do artigo? Há coerência entre métodos escolhidos, objetos de pesquisa, temáticas e perspectivas teóricas? Quais são os objetos de pesquisa na Compós? Há artigos que desenvolveram métodos mais complexos – quais? Quais são os desafios teórico-metodológicos nas pesquisas em rádio no campo da pós-graduação?

Foram essas as perguntas que lastrearam o trabalho de investigação, realizado em nosso estudo exploratório, tomando como base os artigos sobre rádio apresentados no Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), no período que compreende do ano 2000 até 2022. A Compós é um evento reconhecido por reunir pesquisadores de Programas de Pós-Graduação no Brasil, cancelados pelo Ministério da Educação e vinculados a universidades públicas e privadas, ou seja, é um espaço para o compartilhamento de estudos de excelência, uma vez que, até então, só 10 artigos eram selecionados após as avaliações dos Grupos de Trabalho (GT) daquela associação.

Em meio ao levantamento das investigações já feitas, e aqui retomadas, a hipótese levantada por este artigo é que problemas com metodologia, métodos e procedimentos metodológicos não apareceriam nos textos, uma vez que a Compós é um evento da Pós-Graduação (mestrados e doutorados) e se tem como premissa a aplicabilidade científica dos artigos aceitos. Além disso, é importante destacar que o processo da produção científica sobre o rádio passou por duas etapas. Na primeira, os trabalhos foram realizados em uma fase na qual

o rádio era sintonizado exclusivamente pelas ondas hertzianas. Na segunda, passaram a ser elaborados na era do rádio hipermidiático (Lopez, 2009) e expandido (Kischinhevsky, 2016), quando o rádio atravessa o espaço tradicional do AM ou FM com a popularização da internet.

Dessa forma, o veículo passa a ser ouvido e visto por meio de aplicativos, plataformas e redes sociais virtuais e digitais, sintonizados por celulares, computadores e tablets. O que sinaliza para a complexidade do cenário deste estudo exploratório, uma vez que a mídia radiofônica hipermidiática e expandida articula elementos sonoros e não sonoros.

Diante deste cenário e para começar a responder as perguntas que nortearam nossa investigação, é preciso entender melhor o universo da metodologia. Por isso, faz-se necessário que construamos o que estamos nomeando de 'arquitetura da metodologia'. Nesse sentido, consideramos fundamental buscar as aproximações e os deslocamentos do que é método, metodologia ou procedimento metodológico, antes de aprofundar o olhar que nos desafia a identificar o estado da arte nos artigos daquele período da Compós, mapeando as metodologias, explicitadas ou não, aplicadas para a análise dos objetos sonoros.

Se partirmos do início da caminhada, quando elaboramos um projeto de pesquisa, precisamos considerar como relevantes determinadas questões metodológicas para atribuir máximo valor científico à investigação. Estamos nos referindo aos aspectos que geram confiabilidade, validade, generalidade e causalidade a uma investigação (Brym et al, 2006), que não devem ser aplicados, exclusivamente, às pesquisas quantitativas, mas, também, às qualitativas mais comumente produzidas no campo da comunicação.

A confiabilidade é atingida quando um procedimento de mensuração apresenta resultados consistentes. A validade pode ser alcançada quando a mensuração mede, de fato, aquilo que se desejava medir. Já a generalidade é um valor atribuído quando a metodologia da pesquisa pode ser aplicada e adaptada às especificidades de outros projetos. Enquanto isso, a causalidade representa

a relação entre causas e efeitos. Esses aspectos, reunidos para o estudo de um objeto, nos levam a observar a coerência entre as escolhas do método (ou métodos combinados) e da perspectiva teórica, que pode ser uma ou várias.

Mas outros estudos com esta temática da metodologia já foram feitos (Silva, 2014; Kischinhevsky et al., 2015; Kischinhevsky, 2021; Viana, 2023) e outros que contribuem ao sistematizar a produção científica sobre rádio no país (Haussen, 2004, 2011, 2016, 2018; Moreira, 2005; Ferraretto, 2010; Prata, 2011; Prata, Martins, Avelar, 2019; Prata, Mustafá, Pessoa, 2014; Prata, 2021; Lopez, Mustafá, 2012; Kischinhevsky et al., 2017; Cunha, 2021; Del Bianco, Zuculoto, 2021; Lopez et al, 2021; Lopez et al, 2023).

A partir da revisão dos trabalhos citados acima, esta investigação, aqui apresentada em parte, possibilitou uma maior compreensão do campo. Moreira (2005) considera três fases nos registros impressos sobre o rádio: as dos manuais (1940 a 1950), dos livros-depoimento (1960 a 1980) e das pesquisas acadêmicas que iniciam em 1990 e seguem até os dias atuais. Prata (2011) avalia, no entanto, que a pesquisa em rádio no Brasil teve seu início efetivo nos anos 1980. Segundo a autora, antes, as produções, além de isoladas, eram conduzidas principalmente pelos profissionais da área. Mas foi em 1991, com a criação do Grupo de Rádio pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), que o campo passou a ter um lugar privilegiado de investigação.

Em 2011, ao escrever sobre as pesquisas brasileiras sobre o rádio no início do século XXI, a autora considera que elas estavam sendo produzidas com três características: nas investigações e publicações do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora, da Intercom, e do Grupo de Trabalho História do Rádio da Associação Brasileira de História da Mídia da Alcar; no trabalho desenvolvido pelos grupos de pesquisa de professores lotados nas universidades; e, em número menor, nos trabalhos de pesquisadores atuando, segundo ela, de forma isolada, que seriam feitos pelos profissionais do rádio.

Um ponto em comum nestes vários textos da área é que há um

amadurecimento das pesquisas em rádio no Brasil, mas que, em termos de metodologia, é preciso avançar. Nem todos os textos que fizeram uma sistematização sobre a produção científica tocam nos aspectos metodológicos. É possível perceber em alguns artigos uma preocupação com os levantamentos e mapeamentos importantes para o entendimento da radiofonia em livros, artigos, trabalhos de conclusão de curso (TCC's), dissertações e teses. Em outros, o foco é para os novos estudos, os temas de estudo/pesquisa, os autores mais citados na produção científica sobre o rádio, a divulgação científica, as bases teóricas que referenciam as investigações sobre o campo, os principais teóricos e os pesquisadores de rádio no Brasil.

Preocupações, críticas e sugestões para melhorar a metodologia dos trabalhos e pesquisas na área, entretanto, vêm sendo feitas ao longo do tempo. Del Bianco (2011, p.21) considera que as pesquisas em rádio devem “superar a fase de estudos históricos de caráter descritivo linear limitado e discutir abordagens teóricas e metodológicas consistentes, apoiando os trabalhos mais fortemente nas teorias da comunicação e nas abordagens interdisciplinares”. Oito anos depois, em trabalho conjunto, Prata, Martins e Avelar (2019, p.167) observam nas pesquisas publicadas por estudiosos na revista científica Rádio-Leituras:

a falta de explicitação, no resumo, sobre a metodologia empregada do artigo. Do total de 102 trabalhos, quatro não têm metodologia, por terem sido parte do dossiê “Comunicação e Temporalidades” que, à época, foram voltados para o registro da abertura do programa de Pós Graduação da UFOP, conforme explicado anteriormente. Dos 98 artigos restantes, 72 não fazem nenhuma referência à metodologia utilizada na pesquisa; sete registram a pesquisa bibliográfica, seis apontam o estudo de caso e, cinco artigos, a análise de conteúdo. [...] Aponta-se também a necessidade de utilização correta de métodos para aprimorar as técnicas e resultados de pesquisa no rádio, evitando assim inconsistências e fragilidades.

Sobre o item inconsistências e fragilidades, Kischinhevsky et al. (2015, p. 08) partem da premissa que há uma consolidação dos estudos de rádio e mídia sonora no século XXI, no entanto, para os autores, a pesquisa sobre a comunicação radiofônica possui uma série de encruzilhadas, dentro e fora da academia com a predominância de métodos quantitativos, identificados com a

pesquisa administrativa norte-americana. Segundo eles, nestes trabalhos nem sempre o corpus escolhido é defensável. Nos trabalhos de campo, o escopo é limitado e com uma amostra pouco representativa do universo pesquisado não avançando um milímetro em relação às tão criticadas pesquisas de opinião aplicadas por meio de questionários fechados.

Ao refletirem sobre as abordagens teóricas-metodológicas dos projetos coletivos nos 30 anos de produção de pesquisa no GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom, Del Bianco e Zuculoto (2021) identificam ainda haver o desafio de um maior aprofundamento, porque ainda há um forte investimento e concentração de esforços em torno da coleta de dados quanti-qualitativos. As autoras consideram que o resultado desta escolha resulta, em grande parte, em estudos descritivos e contextuais. Em entrevista a Prata (2021), no mesmo Dossiê, Del Bianco (2021, p. 77) reforça:

Precisa haver um avanço na abordagem teórico-metodológica dos objetos no campo do rádio. Muitas vezes são utilizadas metodologias antigas para novos objetos, sem que haja um esforço maior de adaptação e modernização dessas ferramentas de pesquisa [...] Faltam também avanços no desenvolvimento de uma metodologia própria para a natureza do objeto rádio, para que não se limite a aplicar, com mínimas adaptações, metodologias que limitam a análise. Enfim, significa realizar estudos mais arrojados metodologicamente que possam oferecer resultados verdadeiramente reveladores.

Meditich (2021), assim como outros pesquisadores em rádio, acredita que uma contribuição para a área é o desenvolvimento de metodologias para o estudo de produtos sonoros. Já Prata (2011, p. 80) considera que os estudos radiofônicos no Brasil evoluíram. Para ela, há um mapa consolidado de produção científica de qualidade, entretanto, é necessário, ainda, “avançar na abordagem teórico-metodológica dos objetos no campo do rádio e desenvolver metodologias para o estudo de produtos sonoros”.

Metodologias e multimétodos

Uma pesquisa deve buscar responder questões, apresentadas por meio de perguntas, a partir de uma dada realidade. Muitos dos problemas de investigação

aparecem em função de experiências vivenciadas no dia a dia, sendo assim, não podemos desprezar um componente que está subjacente a todo o processo: a subjetividade. Isso porque o problema de pesquisa está ‘contaminado’ pela nossa percepção da realidade, ou seja, pelos valores e pelas noções introjetadas no pesquisador a partir de influências do contexto social e das relações sociais, mediadas em espaços físicos ou virtuais. “Então, uma espécie de valsa tem início: a subjetividade conduz a dança e a objetividade segue; quando a dança chega ao fim, percebemos a realidade mais fielmente” (Brym et al, 2006, p. 67).

Os métodos de pesquisa são divididos em dois grandes grupos: quantitativo e qualitativo. O quantitativo mensura os fenômenos sociais por meio de modelos matemáticos e análises estatísticas para tentar explicá-los. Já o qualitativo busca reunir informações detalhadas de um fenômeno para compreender com profundidade a ação individual ou coletiva em meio a um contexto social. Essas tradições, para Giddens (2012), não podem ser vistas como métodos opostos. “De fato, muitos projetos de pesquisa atualmente fazem uso de métodos mistos – quantitativos e qualitativos – para obter uma compreensão e uma explicação mais amplas do tema em estudo” (Giddens, 2012, p. 49).

Essa combinação de uso dos dois métodos pode ser feita de forma separada, mas o que vai determinar o método é o problema que a pesquisa quer investigar, ou seja, o objeto vai falar e o pesquisador precisa ouvir. É o que observamos, muitas vezes, nas investigações que têm o rádio como objeto de análise em função da própria complexidade da mídia que, após a internet, passou a ser hipermidiática e expandida. É possível, assim, realizar análises estatísticas, como surveys, para se obter quadros gerais para depois detalhar um aspecto em destaque implementando estratégias qualitativas, por meio, por exemplo, de experimento, observação participante ou análise de documentos.

Todos os métodos de pesquisa, contudo, têm vantagens e limitações. Por isso, é importante combiná-los para colocar a pergunta da pesquisa à prova. “Assim, é comum combinar vários métodos em uma única pesquisa, usando cada

um para complementar e confirmar os outros, em um processo conhecido como triangulação” (Giddens, 2012, p. 56). Ao considerar essa combinação de métodos, lembramos do alerta que Stinchcombe (1970) faz de ser preciso se certificar se a teoria escolhida vai servir como estratégia metodológica adequada para explicar o fenômeno observado, seja em um rádio que ainda está centrado nas ondas hertzianas ou em um rádio que se ouve e se vê através do uso em multiplataformas.

Nesse contexto, o desafio do pesquisador é construir, em um primeiro momento, uma teoria para, em um segundo momento, colocá-la à prova com base em métodos de investigação coerentes. E isso não deve ser feito de forma vaga, solta e sem conexão com os dados coletados em uma fase empírica, uma vez que a teoria precisa ser adequada para resolver o problema levantado pela investigação. Até porque não existe uma teoria geral que possa explicar todos os fenômenos sociais, já que a investigação empírica pode trazer sempre novas visões acerca dos mesmos objetos (Stinchcombe, 1970). Podemos, assim, utilizar uma ou várias estratégias metodológicas para analisar, de um ângulo diferente, um fenômeno social, o que corrobora com os argumentos de Giddens para a viabilidade de métodos quantitativos e qualitativos, uma vez que todos eles têm limitações para se olhar o objeto estudado.

Já para Boudon (1996), a metodologia não deve ser confundida com a atividade que vai usar técnicas, dispositivos e fórmulas para se realizar a pesquisa. A metodologia vai descrever a atividade crítica, feita pelos cientistas, “para os procedimentos, teorias, conceitos e/ou descobertas” produzidos pela investigação científica. “A metodologia é importante por um simples motivo: nas ciências humanas e sociais, bem como nas ciências naturais, ela representa um caminho essencial (embora, é claro, não exclusivo) através do qual se efetua o progresso científico” (Boudon, 1996, p. 465).

Nesse posicionamento, Boudon traz à tona uma palavra-chave: caminho. A metodologia é, sobretudo, a indicação de um caminho para o pesquisador decidir e tomar uma direção. Mas, apesar de enaltecer o processo metodológico

como fundamental para a atividade crítica do pesquisador, Boudon lamenta que a noção de metodologia seja, muitas vezes, mal compreendida, uma vez que a metodologia, em diversas pesquisas, pode ser confundida com técnicas, dispositivos e fórmulas. “A metodologia pode assumir a forma de uma crítica sistemática das noções, conceitos, inferências a partir de dados estatísticos ou qualitativos ou modelos de comportamento compostos pelas ciências sociais” (Boudon, 1996, p. 466).

A partir das provocações de Boudon, enfrentamos o desafio de realizar uma ‘arquitetura da metodologia’ nos artigos sobre rádio durante um período da Compós, de 2000 a 2022, para identificar os caminhos, e descaminhos, das pesquisas que têm como foco o complexo fenômeno do rádio antes e depois da internet. Esforço semelhante ao empreendido nesta pesquisa fizeram Kischinevsky et al (2015) ao analisarem os textos apresentados no GT Rádio e Mídia Sonora da Intercom, entre 2011 a 2014, concluindo que as pesquisas deveriam abarcar as complexidades e especificidades do objeto radiofônico, contemplando as ondas hertzianas e seus transbordamentos para as diversas formas de produção, escuta e distribuição no atual contexto da comunicação multiplataforma e do rádio expandido. Os autores defendem, portanto, abordagens multimétodos, visto que

a comunicação radiofônica abrange diversas esferas, da produção, da transmissão/distribuição/veiculação, da enunciação, das linguagens, do teor das mensagens, da interação entre comunicadores e público - em suas múltiplas formas: ao vivo, gravado, por telefone, via aplicativos de telefonia móvel, correio eletrônico etc. -, da recepção, consumo e/ou apropriação dos conteúdos radiofônicos (Kischinevsky et. al., 2015, p. 8).

A partir do que os autores argumentaram, entende-se que a noção de metodologia é representada, também, pelos termos método e procedimento metodológico. Assim, poderemos, sem a pretensão de estabelecer uma verdade, pois as ‘fórmulas’ estão aí para serem contestadas e superadas, ou derrapar em possíveis vácuos metodológicos, já que os artigos representam recortes de investigações em curso ou concluídas, sinalizar, neste texto, quais foram os caminhos escolhidos pelos estudiosos que participaram da Compós naquele

período e traçar o que chamamos de ‘arquitetura da metodologia’.

Para apresentar esse mapeamento, pretendemos compreender o lugar e a abordagem da metodologia nas pesquisas apresentadas entre 2000 e 2022 que tem o rádio e a mídia sonora como objeto de análise, mesmo que a metodologia não esteja, nesses artigos, apresentada, uma vez que, como iremos detalhar na análise, muitos textos são, na realidade, ensaios ou descrição de histórias e memórias de emissoras, programas e profissionais. Alguns, inclusive, são relatos de experiência e descrição de levantamentos sem a apresentação de métodos, como iremos mostrar mais à frente.

Análise das complexidades metodológicas

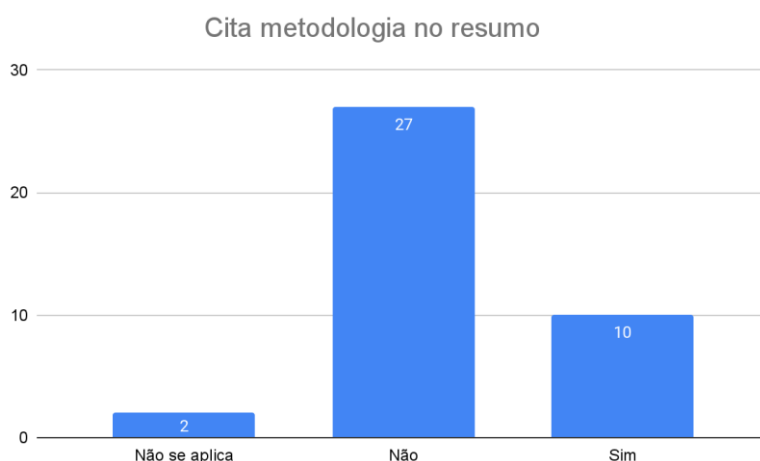
Antes de partirmos para os elementos que compõem a ‘arquitetura da metodologia’ nos artigos da Compós destacamos que este estudo, com foco na metodologia, teve um ponto de partida: a investigação acerca da epistemologia nas pesquisas sobre rádio (Lopez et. al. 2023). Naquele primeiro momento, a coleta de dados envolveu busca da Compós com upload e arquivamento de todos os textos encontrados. Os dados sistematizados e categorizados (inclusive com metodologia) inicialmente geraram um arquivo de 147 páginas. Em um segundo momento, a maioria do(a)s pesquisadore(a)s passaram a integrar o projeto “Metodologias de pesquisa para os estudos radiofônicos: desafios para entender o campo” (Lopez, 2023), adotando estratégias de revisão sistemática e instrumentos de coleta como planilha, com codificação orientada por livro de códigos (Reyes; Bogumil; Welch, 2021), que facilita o trabalho coletivo de codificação de grande volume de dados .

Para compreendermos a ‘arquitetura da metodologia’, realizarmos a análise, após a sistematização dos 39 artigos elaborados para o evento naquele período de 22 anos. Nessa fase, estudamos o resumo, as palavras-chave, a introdução, a seção metodológica e as referências. Sobre a questão de pesquisa, se a metodologia aparece no resumo dos textos, identificamos que 27 artigos não fazem nenhuma menção. A NBR 6028 (Associação [...], 2021) recomenda

que o resumo de um trabalho científico deve apresentar o objetivo, o método, os resultados e as conclusões.

No caso dos artigos estudados, eles se enquadram na categoria de resumo informativo, que deve informar ao leitor quais as finalidades, metodologia, resultados e conclusões do documento. Da amostra, apenas 10 artigos fazem referências, no resumo, da metodologia utilizada. A categoria “não se aplica”, com apenas dois resumos, foi criada para representar artigos sem resumo (ver Gráfico 1).

Gráfico 1 - Metodologia no resumo



Fonte: dados da pesquisa

Duas perguntas dialogam quando buscamos identificar se a metodologia era citada e qual o tipo de pesquisa. Na análise, 27 artigos não citam a metodologia no resumo, dois não têm resumo e 10 citam, porém, em três artigos aparece o implícito, ou seja, é descrito o procedimento, mas não nomeia a metodologia, ou seja, conforme identificados, também por Prata, Martins e Avelar (2019), há a explicitação do método de coleta de dados em detrimento da metodologia utilizada.

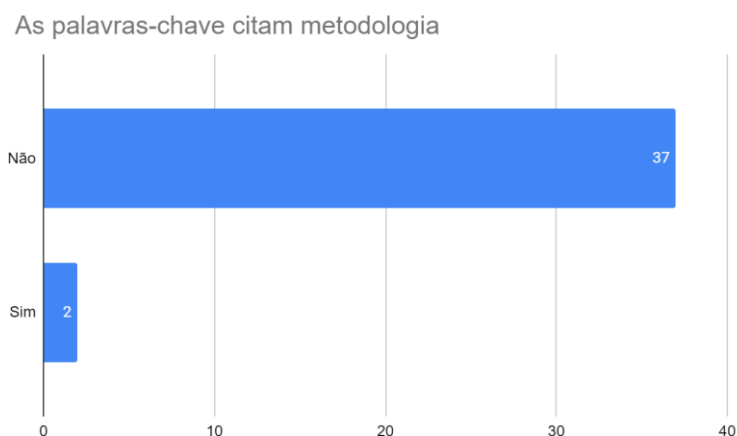
Quadro 1 - Tipo de pesquisa/metodologia citada no resumo

Tipo de pesquisa/metodologia citada no resumo
1- "Estudo de caso"; 2- "Pesquisa bibliográfica e documental, entrevistas com integrantes de emissoras de rádios comunitárias"; 3 - "Pesquisa bibliográfica"; 4- "pesquisa bibliográfica e documental"; 5- "Estudo de caso"; 6 - "A metodologia do mês composto, realizamos uma análise temática e de conteúdo"; 7- "estudo de caso exploratório"; 8 "pesquisas bibliográfica, documental, conceitual e empíricas (quantitativa e qualitativa"; 9 "Metodologia descritiva"; 10 - "Análise de redes sociais".

Fonte: dados da pesquisa

Nas **palavras-chave**, a referência à metodologia (s) se materializa em dois textos: "etnografia", em 2013, e "Análise de Redes Sociais", em 2019. Interessante observar a ausência em 37 artigos (ver Gráfico 2). No contexto no qual o rádio se insere em um ambiente multiplataforma, na era da datificação, da mineração de dados e das buscas indexadas, a palavra-chave é representativa do conteúdo do documento.

Gráfico 2 - Metodologia nas palavras-chave



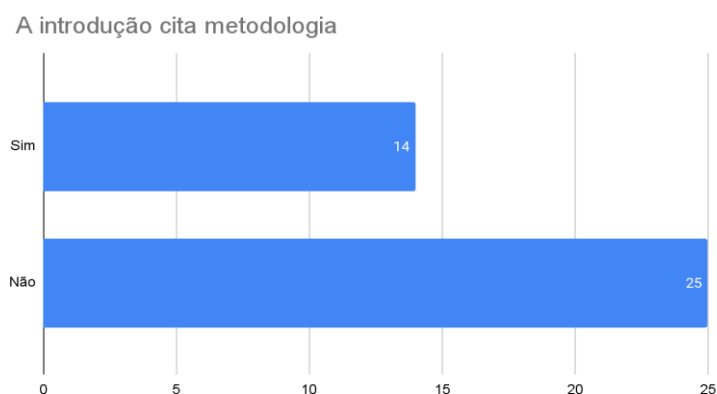
Fonte: dados da pesquisa

Atualmente, a pesquisa brasileira em rádio começa uma nova etapa no processo de internacionalização e o mercado internacional é mais rigoroso nesse aspecto. Por isso, a definição por determinadas palavras-chave em detrimento de outras indica as intenções comunicativas do pesquisador ao definir as temáticas mais relevantes de seu estudo.

Os dados apontam, portanto, que, do ponto de vista de escolher entre três a cinco palavras-chave, como determina a norma técnica, o termo metodologia tem sido relegado a um plano inferior na escala de importância, estando realçadas palavras mais vinculadas à temática e ao objeto da pesquisa, sinalizando o que o pesquisador considera mais relevante a ser abordado no artigo. A baixíssima expressividade do termo metodologia nas palavras-chave é um indicador de que este foi um tema negligenciado, o que também reforça umas das inquietações que balizam a pesquisa cujos resultados apresentamos em parte neste artigo.

Após a etapa de sinopse do artigo, passamos a nos concentrar na Introdução. Conforme indicam os manuais de metodologia científica, a introdução de um artigo deve trazer uma apresentação do assunto, o (s) objetivo (s), a metodologia e o problema de pesquisa. A análise mostrou que 25 (cerca de 64%) textos aprovados nos GT's, com o tema rádio, não apresentam a metodologia utilizada. Apenas 14 (aproximadamente 36%) detalham os procedimentos metodológicos empregados (ver Gráfico 3). Entende-se que esta lacuna demonstra a necessidade de clareza das trilhas adotadas para a realização da pesquisa, de modo a evitar ou minimizar confusões conceituais e o senso comum, para que, assim, haja maior rigor científico na elaboração do texto.

Gráfico 3 - Metodologia na Introdução



Fonte: dados da pesquisa

Como a introdução deve fornecer uma visão global do tema abordado, a descrição, ainda que breve, da metodologia empregada, sinaliza quais são as pistas importantes para o leitor. De modo mais detalhado ou mais sucinto, a apresentação prévia dos procedimentos adotados ajuda a responder questões essenciais em uma pesquisa científica, entre as quais: 1) como os objetivos serão alcançados? e 2) por meio de quais instrumentos metodológicos? Considerando o intercâmbio de conhecimentos provocado por um encontro como a Compós, a definição clara dos métodos contribui para corroborar as bases epistemológicas sobre as quais se assentam as pesquisas em rádio e mídia sonora (Lopes et. al., 2023).

Também é importante destacar a evidente necessidade por parte dos pesquisadores e pesquisadoras de adaptar a pesquisa para estudar o objeto sonoro. Um dos textos, por exemplo, escolhe o “modelo de análise semiótica”, ao mesmo tempo em que questiona a adaptação para o objeto sonoro, deixando explícito o percurso da pesquisa. É fundamental evidenciar a trajetória, mas, de maneira recorrente, ela se sobressai à descrição metodológica de modo geral.

No Quadro 2, demonstramos os termos utilizados para indicar a metodologia adotada na Introdução dos artigos analisados. São recortes sintéticos dos 14 textos que aparecem no Gráfico 3.

Quadro 2 - Recortes das Introduções

Termos que indicam a metodologia na Introdução
1- “análise semiótica”; 2- “análise dos programas”, “inclui tanto uma abordagem da produção cultural quanto da recepção”; 3- “análise diferente daquela do documento escrito”; “caminho”; 4 - “periodização”; 5- “pesquisas bibliográficas e documentais”; 6- “análise”; “trajetória”; 7 - “pesquisa participante”; 8- “revisão de autores”; “abordagem híbrida”, “etnografia”; 9 - “método rapsódico”; 10- “revisão bibliográfica”; 11- “análise descritiva”; 12 - “observação”; 13 - “métodos digitais de pesquisa”; 14- “análise descritiva”

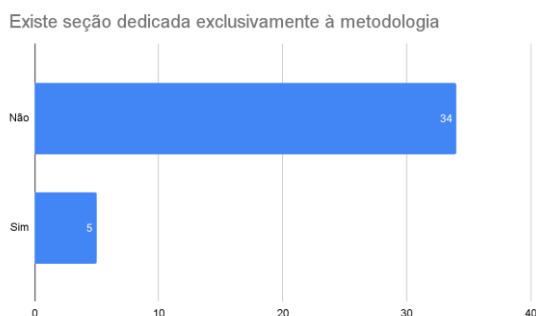
Fonte: dados da pesquisa

De modo geral, a Introdução foi o espaço no qual os artigos mais indicaram

a metodologia. Ao compararmos os grupos positivos para metodologia no resumo e na introdução, descobrimos que dos dez que aparecem como 'sim' no Gráfico 1, apenas cinco estão representados na coluna 'sim' Gráfico 3. Há um subtexto que parece indicar que, ao citar a metodologia no resumo, já foram cumpridas as exigências acerca da questão.

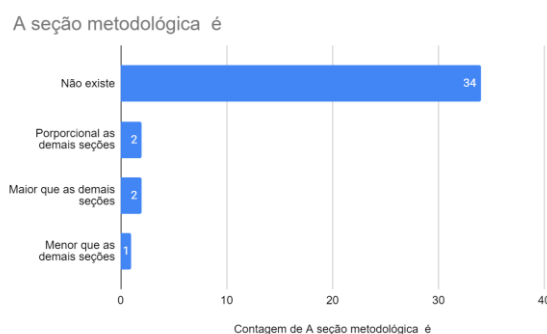
Na etapa do **"Desenvolvimento"**, investigamos se havia algum item que especificasse a metodologia. Apenas cinco artigos (ver Gráfico 4) abrem espaço para integrar a metodologia nas discussões e resultados apresentados. Embora, uma seção específica, em artigo científico não seja exigência, considerando que artigos científicos são pequenos estudos que vão permitir uma leitura mais aprofundada quando o leitor tem acesso à descrição da metodologia empregada para os resultados obtidos. Caso ele esteja no processo de produção científica do conhecimento com um objeto semelhante, ele pode aplicar os passos e repetir a experiência.

Gráfico 4 - Seção metodológica específica



Fonte: dados da pesquisa

Gráfico 5- Sobre a dimensão da seção de metodologia



Fonte: dados da pesquisa

Entre os trabalhos que apresentavam seção específica sobre metodologia, observamos mais um dado: se havia ou não equilíbrio do segmento particular em relação às demais seções do artigo. Por meio do olhar comparativo da espacialidade e da materialidade textual, observar se o lugar próprio da metodologia é igual, maior ou menor que os demais (ver Gráfico 5) nos dá pistas da importância da questão para a pesquisa com rádio apresentada na Compós

até 2022. Por um lado, é fato que a ausência nos diz muito. Por outro lado, dos cinco trabalhos que dedicam espaço à metodologia: em dois deles a seção metodológica é proporcional às demais, em outros dois ela é maior e em um é menor. Esses trabalhos estão no intervalo temporal que vai de 2008 a 2019. Outro ponto importante é o cruzamento de dados dos cinco artigos que têm espaço específico para metodologia, com a introdução e o resumo. Neste subgrupo, em específico, quatro citam metodologia na introdução. O número cai para três em relação ao resumo.

Por fim, dos quase 800 livros citados nas referências dos 39 artigos (ver Gráfico 6), somente cinco livros apareceram nos quatro artigos que tiveram citação. Interessante perceber também que em três artigos apenas um livro de metodologia estava nas referências e somente um citou dois livros. Outro ponto importante, já elencado em artigos anteriores, é sobre a consolidação das pesquisas, o aprimoramento do processo metodológico nos artigos submetidos, como indicador do avanço científico da área de rádio, e a construção sólida de critérios de cientificidade. Se 12 artigos citaram metodologia em algum momento e as referências são indicadoras, oito artigos deixaram de mencionar fontes usadas ao longo do texto.

Gráfico 6: Referência de metodologia



Fonte: dados da pesquisa

Na amostra mais recente, ou seja, quando começam aparecer artigos

sobre rádio na Compós, a partir das fases citadas, as pesquisas sobre rádio já eram consideradas distantes dos primeiros momentos. Essa amostra analisada teria, então, dois fatores que tornariam a produção científica diferente: o amadurecimento e o grau de exigência para um artigo ser aceito na Compós, sem perder de vista que são GT's com critérios e dinâmicas diferentes. Isso porque o GT específico para estudar o rádio e a mídia sonora, Estudos Radiofônicos, só surgiu em 2023.

Considerações

Este artigo nasceu da inquietação que tínhamos para sistematizar reflexões sobre as metodologias postas em circulação nos artigos que tematizam o rádio, considerando o espaço temporal de mais de duas décadas de pesquisa na área (22 anos) dentro da Compós. Com o desafio de compreender as complexidades metodológicas nos estudos sobre rádio, realizamos uma pesquisa exploratória que encontrou 39 artigos nos anais da Compós. A partir deles, começamos a traçar o que denominamos de 'arquitetura da metodologia'. Para fins de análise, investigamos o corpus em seus diversos aspectos: do resumo às referências, com a finalidade de observar como se dá a ocorrência da metodologia em palavras-chave, na introdução, no desenvolvimento e em seções específicas para a abordagem do assunto.

A referência à metodologia empregada em apenas 10 resumos atesta que um dos principais itens a serem descritos na sistematização do texto científico está sendo desprezado, tendo os autores atribuído maior destaque aos objetivos e às temáticas, por exemplo, deixando também o método implícito, conforme a análise mostrou. Enquanto palavra-chave, metodologia esteve presente em apenas dois artigos, com um intervalo de seis anos de um para o outro, evidenciando que este não é um assunto preferencialmente tratado, reforçando, também, a necessidade de pesquisas como esta, cuja tarefa precípua é abordar a metodologia, contribuindo para ampliar e facilitar os mecanismos de busca sobre este tema.

A falta de uma seção específica para apresentar os métodos empregados na coleta, tratamento e análise dos dados, verificada em 34 artigos, evidenciou esta lacuna, impedindo não apenas que se compreenda uma das partes essenciais da pesquisa, mas que se avance na identificação e construção de abordagens multimetodológicas nos estudos de rádio, conforme já observado por outros autores da área. Entre as diversas questões que guiaram esta investigação, identificar o lugar e a abordagem da metodologia fornece uma espécie de ‘arquitetura da metodologia’ nos artigos da Compós, aqui estudados, que apresentaram investigações, ou às vezes até ensaios, para compartilhar pesquisas acadêmicas ou dividir experiências profissionais.

Apesar dos encontros nacionais da Compós terem se convertido em um espaço privilegiado, nos artigos que abordaram aspectos pertinentes ao rádio até 2022, verificamos um esquecimento, pelo menos em grande parte deles, de um detalhamento da metodologia, métodos ou procedimentos metodológicos, impossibilitando a apresentação de uma ‘arquitetura’ de métodos próprios para se estudar o fenômeno do rádio. Os caminhos identificados na análise sinalizam que, no âmbito da Compós, grande parte dos estudiosos, até aquele ano, não destacou as metodologias de suas pesquisas. Isto reforça que as abordagens metodológicas no campo da radiofonia estão em plena necessidade de revisão e estruturação. A perspectiva, contudo, é que esse desafio seja superado com o trabalho específico do GT Estudos Radiofônicos, criado em 2023, para reforçar a importância de se ter um olhar próprio para os caminhos das pesquisas que atravessam o multifacetado mundo do rádio.

Prata, Martins e Avelar (2021), em seus estudos sobre a revista radio-leitura, e Kischinhevsky et al (2015), na análise dos artigos apresentados no GP Rádio e Mídia Sonora do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom) entre os anos de 2001 e 2015, identificam, assim como neste estudo, a necessidade de se adotar abordagens multimétodos para dar conta das dinâmicas dos processos radiofônicos. O amadurecimento, elencado em investigações anteriores, é mostrado pelos dados quantitativos, que indicam

aumento de produção científica de qualidade na área, porém, em termos de questões como maior rigor com os aspectos metodológico dos artigos e metodologias, ainda prevalecem a revisão bibliográfica, a pesquisa documental, as entrevistas, os estudos de caso, a análise de conteúdo e os estudos de recepção.

Na Compós, assim como nos artigos da Intercom, Kischinhevsky et al (2015), são poucos os trabalhos com abordagens metodológicas mais elaboradas que tragam uma análise multifacetada, multiplataforma e hipermediática do conteúdo sonoro e menos ainda são as pesquisas que utilizam metodologias multimétodos. O que reforça o indicativo para a área olhar com mais firmeza para este não tão novo desafio como estratégia de intensificar os processos de amadurecimento e de internacionalização da produção científica brasileira no campo do rádio e das mídias sonoras.

Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6028: Informação e documentação: Resumo, resenha e resensão - Apresentação**. Rio de Janeiro, 2021.

BRYM, Roberto J; LIE, John; HAMLIN, Cynthia Lins; MUTZEMBERG, Remo, SOARES, Eliane Veras; SOUTO MAIOR, Heraldo Pessoa. **Sociologia: sua bússola para um novo mundo**. São Paulo: Thomson Learning, 2006.

BOUDON, Raymond. Metodologia. In: OUTHWAITE, William; BOTTOMORE, Tom (org.). **Dicionário do pensamento social do Século XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

CUNHA, Márgda. Os estudos de rádio e a relação com o ecossistema de mídia: história, consolidação e expansão. **Radiofonias** – Revista de Estudos em Mídia Sonora, Mariana-MG, v. 12, n. 02, p.30-46, maio/ago. 2021.

DEL BIANCO, Nélia; ZUCULOTO, Valci. 30 anos de pesquisa coletiva no GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom. **Radiofonias** – Revista de Estudos em Mídia Sonora, Mariana-MG, v. 12, n. 02, p. 82-109, mai./ago. 2021.

FERRARETTO, Luiz Artur. Pesquisa a respeito do rádio e de outros meios sonoros no século 21: das transformações na natureza do meio e de seus congêneres aos seus usos no contexto da convergência digital. In: **Revista Rádio Leituras**. Ano I, Num 01, Edição Julho – Dezembro, 2010.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Porto Alegre: Penso, 2012.

HAUSSEN, Dóris. A produção científica sobre o rádio no Brasil: livros, artigos, dissertações e teses (1991-2001). **Revista Famecos**, dezembro: 119-126. EDIPUCRS.

Porto Alegre. 2004

HAUSSEN, Dóris. Trajetória das pesquisas em rádio no Brasil. **Revista Rádio-Leituras**, Ano II(02): 107-115, Julho-Dezembro. 2011. www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/radio-leituras/article/view/379/346

HAUSSEN, Dóris. Revistas de comunicação brasileiras registram a pesquisa sobre rádio (2002-2012). **RBCC**, 39(3): 155-165, set./dez. São Paulo. 2016.

HAUSSEN, Dóris. A pesquisa em rádio no Brasil: o papel do GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom e dos PPG em Comunicação. **Anais** do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Joinville (SC). 2018.

KISCHINHEVSKY, Marcelo; FERNÁNDEZ, José Luiz; BENZECRY, Lena; MUSTAFÁ, Izani. Desafios metodológicos nos estudos radiofônicos no século XXI. **Anais** do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Rio de Janeiro. 2015. Disponível em: http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/lista_area_DT4-RM.htm. Acesso em: 9 jan 2024.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais**: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, v. 1. 152p. 2016.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Notas para uma metodologia de pesquisa em rádio expandido. In: **Anais** do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Virtual, 2021.

KISCHINHEVSKY, Marcelo; BENZECRY, Lena; MUSTAFÁ, Izani; DE MARCHI, Leonardo; CHAGAS, Luã; FERREIRA, Gustavo; VICTOR, Renata; VIANA, Luana. A consolidação dos estudos de rádio e mídia sonora no século XXI – Chaves conceituais e objetos de pesquisa. Intercom – **RBCC**, 40(3): 91-108, set/dez. 2017.

LOPES, Paulo Fernando; MEIRELES, Norma; OLIVEIRA, Sheila Borges de; MONTEIRO, Patrícia. Rádio e epistemologia: distanciamento e aproximações nos GT's da Compós de 2000 a 2022. *Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora*, v. 14, n. 3, p. 9-39, 2023.

LOPEZ, Debora Cristina. **Radiojornalismo hipermidiático**: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica. 2009. 301 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Comunicação. Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2009.

LOPEZ, Debora Cristina. Metodologias de pesquisa para os estudos radiofônicos: desafios para entender o campo. Ouro Preto, 2023, mimeo.

LOPEZ, Débora, MUSTAFÁ, Izani. 2012. Pesquisa em rádio no Brasil: um mapeamento preliminar das teses doutorais sobre mídia sonora. **Matrizes**, ano 6, 1: 189-205, jul./dez. São Paulo, 2012.

LOPEZ, Debora, JÁUREGUI, Carlos; FREIRE, Marcelo; QUADROS, Miriam; MEIRELES, Norma; KOCHHANN, Roscéli; SENA, Marcelo; SILVA, Thiago; LOPES, Vitor Hugo de Oliveira; GARIGLIO, Livia. Estudos de podcasting: panorama da pesquisa em teses e dissertações brasileiras. In: **Anais** 46º. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. PUC-Minas, 2023.

LOPEZ, Debora; BETTI, Juliana Gobbi; FREIRE, Marcelo; GOMES, Janaina. Metodologia para análise de referências com apoio em software: a abordagem de gênero nos estudos radiofônicos. in: **Anais** 44º. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Virtual, 2021.

LOPEZ, Debora, FREIRE, Marcelo. Métodos digitais aplicados às pesquisas de rádio expandido: desafios metodológicos. In. **Anais** 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Joinville (SC), 2018.

MOREIRA, Sonia Virginia. 2005 Da memória particular aos estudos acadêmicos: a pesquisa sobre rádio no Brasil. In A. Bragança & S. Moreira (org.), **Comunicação, acontecimento e memória**, vol. 1. 1 ed. São Paulo: Intercom. 2005

MEDITSCH, Eduardo. Entrevista in PRATA, Nair. Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora – 30 anos: lugar dos estudos radiofônicos e desafios de pesquisa. In. **Radiofonias** – Revista de Estudos em Mídia Sonora, Mariana-MG, v. 12, n. 02, p. 47-81, mai./ago. 2021.

PRATA, Nair. Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom – 20 anos. in Revista **Rádio Leituras**. Ano II, Num 02, Edição Julho – Dezembro, 2011.

PRATA, Nair; Martins, Henrique Cordeiro; Avelar, Kamilla Morando. A divulgação científica sobre rádio no Brasil: Um estudo da revista Rádio-Leituras. in. **Estudos em Comunicação** nº 29, 159-175, Dezembro, 2019.

PRATA, Nair; MUSTAFÁ, Izani; PESSOA, Sônia Caldas. Teóricos e pesquisadores de rádio no Brasil. **Revista Brasileira de História da Mídia** (RBHM) - v.3, n.1, jan-jun, 2014.